

RESENHA

**BENZ, Wolfgang (org.). Wie wurde man Parteigenosse?
Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 2009, p. 218**
Vinícius Liebel*

O livro organizado por Wolfgang Benz, um dos maiores especialistas na “Questão Judaica” e coordenador do Centro de Pesquisas sobre o Antissemitismo da Universidade Técnica de Berlim (TU-Berlin), lança luzes sobre uma parte ainda pouco analisada do processo de consolidação e perpetuação do NSDAP no quadro político alemão. Trata-se da estrutura organizacional do partido e do processo de filiação ao mesmo. Enquanto a estrutura do NSDAP é debatida em análises clássicas (dentre os vários exemplos podemos citar *Origens do Totalitarismo*, de Hannah Arendt (2000) e *Der Staat Hitlers*, de Martin Broszat (2001)), a relação do partido com seus filiados recebe uma atenção secundária. O tema, entretanto, ganhou fôlego nos últimos anos com as revelações de que os escritores Günter Grass e Martin Walser serviram ativamente ao regime de Hitler e, principalmente, com a negativa de Walser e outros de um dia terem assinado qualquer documento de filiação ao partido.

Organizados de maneira a seguirem uma ordem cronológica, os dez textos que compõem a obra mantêm seu foco em duas questões principais: a filiação voluntária ao partido e a passagem de membros das organizações voltadas aos jovens para os quadros do NSDAP. São dois processos bastantes distintos e que tomam caminhos diversos no decorrer da história do partido.

No primeiro caso a estrutura organizacional do NSDAP é considerada como essencial na cooptação de novos membros nos anos iniciais do movimento nazista, *i.e.*, até sua ascensão ao poder em 1933. A divisão de jurisdições e responsabilidades entre os *Blockleiter*, *Zellenleiter*, *Ortsgruppenleiter*, *Kreisleiter* e *Gauleiter* proporcionava um dinamismo ímpar no tocante ao aliciamento e à coordenação de manifestações e de ações propagandísticas. Mesmo após a ascensão ao poder, os níveis mais baixos na

* Historiador, doutor em Ciências Políticas pela Universidade Livre de Berlim (FU-Berlin).

estrutura (os *Blockleiter* e os *Zellenleiter*) ainda eram responsáveis por cuidar pessoalmente do bem-estar da população em geral, zelando para que a imagem do partido repercutisse de maneira favorável entre aqueles que ainda não figurassem em suas fileiras (p. 106).

A política de cooptação de novos membros sofreu uma mudança brusca em 1933, quando, em decorrência da nomeação de Hitler para o cargo de chanceler, uma onda de afiliações fez com que o NSDAP saltasse de cerca de 720.000 para 2,5 milhões de inscritos. Tal fenômeno, antes de ser visto como uma prova do sucesso do partido, foi percebido como uma invasão de oportunistas aos quadros partidários e acarretou a suspensão de novas admissões¹ (isso não impediu entretanto que os *Blockleiter* e *Zellenleiter* continuassem a receber requisições de filiação e mesmo cobrassem por elas). Em decorrência disso, uma contínua distinção entre os antigos membros, considerados portadores ideológicos do Nazismo, e os novos “aproveitadores” passou a ser promovida pela cúpula dirigente através de prêmios, condecorações e demonstrações públicas de reconhecimento daqueles que ajudaram a fundamentar o partido. Na análise deste período os textos reunidos neste volume apontam para uma alteração do eixo formador da identidade do partido; a imagem dos membros do NSDAP deixa lentamente de ser construída com base na comparação com os partidários de outras ideologias (comunistas, social-democratas, etc) para se focar numa hierarquia interna, na diferenciação entre si e seus inter pares. O surgimento de uma nomenclatura específica para denominar os inscritos entre março e maio de 1933, os *Märzgefallene* (p. 91), é um indício claro disso.

Ademais, a interrupção das associações demonstra a preocupação da cúpula do partido com o seu crescimento desordenado e excessivo. Não era interessante que todos os cidadãos alemães se tornassem membros ativos do NSDAP, mas sim que este fosse o reduto dos mais devotos

¹ Algumas exceções e casos especiais eram ainda permitidos, como aqueles em que membros proeminentes da sociedade e do aparelho estatal e de membros da Juventude Hitlerista tivessem recém atingido a idade necessária.

à ideologia, dos mais capazes de a conservar no decorrer de gerações. Neste sentido, os oportunistas de 1933 eram antes um empecilho. A decisão por um número “reduzido” de membros dá ainda uma visão clara da estrutura cepácea do partido identificada por Hannah Arendt (op. cit.), cujo centro seria ocupado pelos membros de maior identificação com a ideologia nazista e de maior fanatismo. Neste ponto os membros mais antigos do partido comungam na planificação estrutural com os jovens preparados pelas organizações voltadas à juventude (*Deutsches Jugendvolk, Jungmädels-Bund, Bund Deutscher Mädel* e a *Hitler-Jugend*).

Para estes, o caminho em direção à filiação ao NSDAP era, ao mesmo tempo, uma continuidade natural e uma recompensa por sua dedicação à causa. Entretanto, o grande afluxo de filiações no início de 1933 e a conseqüente restrição a novos elementos, somados à absorção progressiva de outras organizações de jovens (tanto políticas quanto religiosas) por parte da *Hitler-Jugend*, tiveram efeitos também sobre o trâmite necessário para a inserção destes jovens nas fileiras do partido. As dificuldades impostas a este processo variaram conforme a necessidade de novas adesões nos anos posteriores à ascensão, mas o foco na Juventude Hitlerista enquanto portadora do futuro do partido jamais seria alterado. Duas questões surgem destes fatores: a concorrência que o NSDAP passa a sofrer de outras organizações, como a *SS* e a *Wehrmacht*, na cooptação dos jovens recém-chegados aos dezoito anos (não bastava a entrada na maioridade, o jovem devia optar pelo partido), e a justaposição de partido e Estado nas mais variadas áreas. Por não ser uma ditadura partidária aos moldes de ditaduras comunistas, a reposição dos quadros estatais não era acompanhada automaticamente pela reposição no partido ou vice-versa, ainda que muitos de seus membros figurassem em ambos os quadros. O estudo das diferentes formas de adesão aponta para uma lógica clara: a partir de 1933, a figuração nos quadros do partido se tornou praticamente restrita aos ex-membros da Juventude Hitlerista e, mesmo para estes, a passagem não era automática.

Vinícius Liebel

Um apanhado das discussões e argumentações feitas acerca da descoberta dos cartões de membros do NSDAP referentes a intelectuais alemães (dentre eles Martin Walser, Hermann Lübbe, Martin Broszat e Niklas Luhmann) e da biografia de Günter Grass (*Beim Häuten der Zwiebel*, 2006) fecha a obra. Alguns destes intelectuais negaram veementemente ter assinado qualquer documento de filiação ao partido e alegam ter tomado conhecimento disso apenas com a publicação de pesquisas sobre os cartões. Tais negativas levaram a conjecturas acerca de uma possível afiliação massiva e secreta nos últimos anos de guerra, que se teria dado sem o conhecimento dos novos membros (recém-saídos da JH). Por outro lado, várias foram as críticas aos intelectuais pelas supostas renúncias de seus passados. O debate tomou conta dos jornais alemães nos anos de 2006 e 2007 e, diante da insistência dos acusados em negar suas filiações, não se pôde chegar a uma conclusão sobre o tema.

Apesar do debate permanecer aberto, o livro organizado por Benz cumpre seu papel e apresenta as contribuições possíveis da historiografia sobre o tema: um retrato consistente do partido, de sua estrutura e do processo de filiação. É um documento que adiciona informações históricas e historiográficas no constante processo de reestruturação da identidade alemã, discutindo a memória de um período que já foi tantas vezes apontado como o marco zero da nova história da Alemanha.